

|                               |         |     |              |          |      |                |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de Resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1<br>n. 1 | p. 63-68 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

## **A BAILARINA DA LOJA DE TAPETES: ESPAÇO E MOBILIÁRIO ALINHAVANDO A ESCRITURA LITERÁRIA, ENTREMEANDO CÂNONE E ANTICÂNONE.**

Luciana Moura Colucci de Camargo (UFTM / Uberaba-MG)

Quando eu peguei os papéis e li *A bailarina da loja de tapetes*, de Ana Corujo, pensei: que combinação bonita de palavras bonitas. E me pus a bailar pelo texto. Então constatei que a combinação bonita de palavras bonitas continuava história adentro, e me deu vontade de sentar no Arpoador e de gostar da vida (Adriana Falcão, roteirista e escritora, 2013, na contracapa de *A bailarina da loja de tapetes*).

### **Introdução**

No último mês de maio, no Rio de Janeiro, foi lançado o livro **A bailarina da loja de tapetes**, da jovem escritora Ana Corujo. Como topoanalista literária interessada na lapidação da espacialidade artístico-literária, despertou-me a atenção, primeiramente, o título da obra, sua recente publicação e a divulgação na mídia. Em seguida, além da “loja”, do espaço “em si”, pensei sobre o tapete uma vez que cada objeto/elemento que compõe a “decoração”, o mobiliário pode ambicionar a comunicação de um determinado efeito de sentido, bem como explica Edgar Allan Poe (1809-1849). Portanto, de uma curiosidade inicial, lancei-me a algumas pesquisas, à leitura da narrativa e, finalmente, à escritura de considerações críticas iniciais sobre **A bailarina da loja de tapetes**.

Neste sentido, essas considerações preliminares versam sobre a escritura literária, a composição estética do espaço e a controversa querela entre postulados canônicos e anticanônicos no ambiente das Letras com o objetivo de discutir a escritura literária de Corujo, bem como contribuir para reflexões acerca do “lugar” da literatura na contemporaneidade. Por se tratar de uma publicação recente, faço rapidamente a seguir um breve resumo sobre o enredo de **A bailarina da loja de tapetes**.

Por meio de uma narrativa homodiegética e ancorada em analepse, Ana Beatriz – Bia – revela sua trajetória em busca de seu verdadeiro “eu” em um mundo que, de repente, perde todo o sentido para a personagem. Após alguns anos de trabalho como advogada em um renomado escritório, Bia é despedida e reflete que talvez essa situação seja uma oportunidade para rever seus conceitos, para “sair da caixa e desabrochar” (Corujo, 2013, p. 13). Incentivada por seu amigo e “guru”, Carlos Roberto, ela busca o que de fato possa trazer mais cor à sua vida. Transcorrido um mês da demissão, Bia, no itinerário Arpoador/Copacabana, resolve entrar no Shopping Cassiano Atlântico. Após

|                                      |                |            |                      |                 |             |                       |
|--------------------------------------|----------------|------------|----------------------|-----------------|-------------|-----------------------|
| <b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b> | <b>Catalão</b> | <b>UFG</b> | <b>v. 1<br/>n. 1</b> | <b>p. 63-68</b> | <b>2013</b> | <b>ISSN 2318-9789</b> |
|--------------------------------------|----------------|------------|----------------------|-----------------|-------------|-----------------------|

comprar uma cocada, a protagonista depara-se com uma loja de tapetes em que um tapete (o tapete do amor) em particular lhe desperta a atenção. Com as traquinagens que só destino é capaz de nos reservar, Bia é recepcionada pela simpática e misteriosa Dona Gilda, sendo que, após uma conversa bem acolhedora, começa a trabalhar como vendedora (bailarina como diz Dona Gilda) da *Tappetum*. Assim, a partir da entrada naquela intrigante loja, a vida de Bia transforma-se radicalmente e, aos poucos, como a trama que desenha cada um dos tapetes, “magicamente”, tudo começa a ser transformado e o desfecho da narrativa apresenta o clássico final feliz.

Como um dos objetivos deste estudo é a análise do espaço, passo agora a abordagem do mesmo. Em virtude de o enredo ser politópico, ou seja, apresentar vários espaços diferentes e instigantes como é o caso do apartamento de Dona Gilda, um recorte foi necessário. Assim, centrarei esta discussão na *Tappetum*.

### ***A loja de tapetes Tappetum***

O século XX dedicou-se ao tempo. Como herdeiro rebelde da marcha acelerada e culto alucinante ao progresso do século precedente, esse elemento da estrutura narrativa instaurou na literatura um movimento de interiorização da personagem como uma espécie de escapismo da balbúrdia moderna. Por meio de recursos como o fluxo de consciência e a epifania, a literatura moderna volta-se para as experiências subjetivas em que a sucessão temporal, linear e cronológica não faz mais sentido, pois o caos do sujeito frente ao hodierno é imperativo. No entanto, como a arte de maneira geral movimenta-se em constante processo de autorreflexividade, a literatura contemporânea, principalmente nas últimas décadas, tem revisitado o estudo acerca da categoria do espaço enquanto elemento bastante significativo nas artes, principalmente na literatura. Portanto, em um contexto histórico, social e artístico contemporâneo, o espaço tem sido revalorizado, sendo, portanto, deslocado da margem para o centro cujo fulcro é justamente ponderar sobre o “lugar” de tudo e de todos. (BORGES e CAMARGO, p. 02, no prelo).

É inegável a força da *Tappetum* em **A bailarina da loja de tapetes**, tanto que é possível entender esta loja como personagem essencial do texto já que, como a Dona Gilda diz, a mesma não é um lugar comum. Vejamos a citação a seguir que elucida a relação topofílica e homóloga entre personagem e seu espaço:

“- Sim...essa loja não é uma loja de tapetes comum, para qualquer um. É uma loja para que os tapetes encontrem seus donos. Ela chega a ser um pouco mágica, ou como uma caixinha de música – e toda caixinha de música tem uma bailarina...”  
(...)  
- Ana Beatriz, morei muitos anos fora, tenho minha vida, meu patrimônio; isso aqui é minha caixinha de sonhos, de histórias. Não tive filhos, meu marido era francês, nos conhecemos na Sorbonne quando fui fazer faculdade lá, e nos casamos. (...) Ele faleceu há vinte e cinco anos (...) Mas resolvi voltar para o Brasil, pois qualquer outro país sem ele não fazia mais sentido algum para mim. Porém, trouxe na mala meus muitos tapetes...(...) Não quero compradores de produtos, quero compradores de histórias. E nem sempre a história de um vai servir para o outro. Quero que meus tapetes encontrem seus donos para continuar suas histórias. Não tenho pressa em vendê-los. Te confesso que algumas vezes,

|                                      |                |            |                      |                 |             |                       |
|--------------------------------------|----------------|------------|----------------------|-----------------|-------------|-----------------------|
| <b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b> | <b>Catalão</b> | <b>UFG</b> | <b>v. 1<br/>n. 1</b> | <b>p. 63-68</b> | <b>2013</b> | <b>ISSN 2318-9789</b> |
|--------------------------------------|----------------|------------|----------------------|-----------------|-------------|-----------------------|

quando não gosto do freguês, inviabilizo a venda de alguma forma. Imagina meus tapetes com os donos errados? Pérolas aos porcos, jamais! (CORUJO, 2013, p.27 e 33).

Realmente é possível perceber o carinho com que Dona Gilda fala de sua loja e de cada um dos tapetes que ali “habitam”, pois, na realidade, essas peças do mobiliário são a representação de sua própria vida e de sua estória de amor vivida tão intensamente com o falecido marido. Tem-se, portanto, além da relação de homologia preconizada por Lotman e a circunstância empreendida por Poe, em **A filosofia do mobiliário**, sobre a importância de se observar minuciosamente cada detalhe de um aposento. Especificamente sobre tapetes e a configuração do espaço, vejamos o que diz o *arch-priest of Gothic Horror*:

Compreendem-se melhor os tapetes ultimamente do que nos dias antigos, mas ainda com muita frequência erramos em seus modelos e cores. A alma do aposento é o tapete. Dele se deduzem não só os matizes como as formas de todos os objetos circunvizinhos. Um juiz da lei comum pode ser um homem comum; um bom juiz de tapetes *deve ser* um gênio. (POE, p.1005, grifo do autor).

Além da evidente importância conferida ao espaço e seus elementos, na escritura literária, crítica e teórica de Poe há sempre a preocupação na escolha de uma personagem que possa criar uma situação de simbiose com a espacialidade literária. Ou seja, em **A bailarina da loja de tapetes**, a personagem intrigante de Dona Gilda, da qual de fato se conhece pouquíssimo, não poderia estar mais bem situada do que em uma antiga e misteriosa loja de tapetes em que os motivos e temas acabam ainda por remeter à atmosfera da literatura gótica.

Adentrar à *Tappetum* e estar com alguém que conhece minuciosamente a estória da tapeçaria pode, portanto, configurar uma forma de esquecimento do “lado de fora” para que se possa olhar para o “lado de dentro”, esta região tão misteriosa e tão repleta de segredos e sombras. Ademais, em uma realidade em que tudo é inexoravelmente descartável e coisificado, essa relação entre personagem, espaço, tapete e memória cria, ainda, um efeito de sentido de se estar em um mundo remoto, de uma narrativa “secundária” que parecer atuar paralelamente à “primeira”. E é a personagem delicada de Dona Gilda com seus preciosos conselhos - via *post it* - para Bia, quem nos convida a entrar nesse lugar paralelo entre mundos.

Embora o espaço da *Tapettum* seja, como elucidado acima, elemento vital na narrativa e apresentado de forma a encantar o leitor, esse “encantamento” parece ser em nível de conteúdo, sendo que a escritura literária não apresenta exploração no que tange à forma e às técnicas/estratégias de burilamento da linguagem. Com isso, além do estudo

|                                      |                |            |                      |                 |             |                       |
|--------------------------------------|----------------|------------|----------------------|-----------------|-------------|-----------------------|
| <b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b> | <b>Catalão</b> | <b>UFG</b> | <b>v. 1<br/>n. 1</b> | <b>p. 63-68</b> | <b>2013</b> | <b>ISSN 2318-9789</b> |
|--------------------------------------|----------------|------------|----------------------|-----------------|-------------|-----------------------|

da espacialidade artística na narrativa de Corujo, outra questão suscita possibilidades de problematização: a literariedade e seu lugar na literatura contemporânea, principalmente dos jovens escritores que, cada vez mais, tem ocupado lugar nas prateleiras. Tal pensamento discute-se a seguir.

### **Literariedade, cânone e anticânone**

A literatura, que durante séculos ocupava um papel relevante na vida social, tornou-se cada vez menos importante. Na 'sociedade do espetáculo' (Guy Debord), a escrita literária fica confinada a um espaço restrito na mídia, pelo fato de se prestar pouco a espetacularização [...]. O desafeto progressivo pela leitura é um fenômeno internacionalmente reconhecido. Leitura exige tempo, atenção, concentração, luxos ou esforços que não condizem com a vida cotidiana atual [...]. Ocorreu, de fato, uma mutação, e esta não parece favorável à 'literatura', tal como ela se constituiu e firmou, do século XVIII até meados de nosso século: uma literatura que tinha a ambição de conhecer e a coragem de inventar, dentro (embora formalmente à margem) de um projeto amplo para o homem e a sociedade. (Perrone-Moisés, 2009, p. 177-178).

De fato, a narrativa de **A bailarina da loja de tapetes** é uma estória que alinhava as memórias e entremeia os destinos de Dona Gilda e Bia (*alter ego* da própria escritora) de uma forma extremamente delicada. As duas, aos poucos, entre uma xícara de café e outra, vão tecendo uma amizade incomum e sincera para os tempos contemporâneos e realmente parecem viver em um universo “encantado” no qual, vagarosamente, memória e realidade se entrecruzam para tecer uma tapeçaria singela composta de tantos e pequenos retalhos que formam a nossa identidade. No entanto, em uma crítica preliminar, essa narrativa parece justamente “perder” a literariedade em vários momentos, principalmente no que tange à literatura enquanto elaboração formal e linguística. Em vários momentos, **A bailarina da loja de tapetes** “priva” o leitor justamente do prazer estético, dos efeitos de estranhamento e dúvida que, como fantasmas, nos perseguem há séculos, bem como o fazem Shakespeare e Machado de Assis que, entra século e sai século, continuam “infernizando” a cabeça do leitor por meio de dantescas artimanhas literárias acerca da condição humana e das possibilidades estéticas do fazer literário.

Embora, a estrutura formal do livro seja interessante (prólogo, vinte capítulos e epílogo) e remeta a uma estrutura circular em que o fim recupera o começo, os elementos da estrutura narrativa pecam pelo tratamento superficial. Nesta primeira análise, em inúmeras situações, nota-se o emprego de uma linguagem “vulgar” cujo efeito de sentido não parece ser exatamente uma “tática” literária da autora. Vejamos citação em que Bia se encontra com sua amiga Carlinha:

|                                      |                |            |                      |                 |             |                       |
|--------------------------------------|----------------|------------|----------------------|-----------------|-------------|-----------------------|
| <b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b> | <b>Catalão</b> | <b>UFG</b> | <b>v. 1<br/>n. 1</b> | <b>p. 63-68</b> | <b>2013</b> | <b>ISSN 2318-9789</b> |
|--------------------------------------|----------------|------------|----------------------|-----------------|-------------|-----------------------|

- Cá, queridaaaaa! - cheguei abraçado, literalmente, como se não a visse há séculos.
- Biaaaaaaaaa! Retribuiu ela, com um enorme abraço, e lá ficamos por alguns minutos.
- Amigaaaaaaaaaaaa!
- Amigaaaaaaaaaaaa!
- Que saudadeeeeeeee!
- Que saudadeeeeeeee! (...)
- Que bom te ver!
- Nossa! Muito bom te ver! Nem acredito, meu!
- Nem eu! - falei rindo. - Já pediu a mesa? (...)
- Você tá lembrada que não pode beber, né? - e fez cara de médica.
- Putz! É verdade! Tinha me esquecido! Putzzzzz! (Corujo, p.157, 2013).

Adicionalmente, há ainda personagens com falta de profundidade psicológica e uma narrativa que, na verdade, ao invés de romance, poderia ter sido um conto bastante interessante e, talvez, com maior amadurecimento literário da autora, o texto poderia ser uma prosa poética ou até mesmo uma narrativa poética. No entanto, entendo que o livro aproxima-se mais do que atualmente se denomina literatura de autoajuda ou literatura de consolo.

### **Considerações finais**

Como já referido anteriormente, Coruja de fato brinda o leitor com uma estória delicada e singela. Em um mundo visceralmente às avessas, dilacerado pelas dores cotidianas, pelo esvaziamento do ser e pelas relações humanas alicerçadas cada vez mais no utilitarismo e nas conveniências oportunistas, indubitavelmente foi um prazer passear pela gótica *Tappetum*, sendo impossível não desejar um encontro com a afetuosa e enigmática Dona Gilda com sua elegante xícara de café e a cantar a música francesa *Parole*. No entanto, em se tratando de literatura, além **do que** se conta, é importante também observar o **como** se conta; é neste quesito que se encontra a fragilidade da escritura de Corujo.

Ressalta-se, por fim, que esta recepção preliminar de **A bailarina da loja de tapetes** não busca, em hipótese alguma, lançar essa narrativa a um limbo pré-canônico/purgatório pós-canônico<sup>1</sup>, tampouco defender que o cânone literário seja objeto de cristalização de um legado secular do que pensamos ser o “sagrado literário”. Ao contrário, busca-se entender o que de fato se compreende desta areia movediça chamada literatura (contemporânea) em um contexto de mundo onde tudo o que é “sólido” realmente parece estar se desmanchando no ar.

1 Expressão retirada do artigo *Candido e a hegemonia: a face canônica da literatura* citado na bibliografia.

|                               |         |     |              |          |      |                |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|
| Caderno de Resumos da JOPELIT | Catalão | UFG | v. 1<br>n. 1 | p. 63-68 | 2013 | ISSN 2318-9789 |
|-------------------------------|---------|-----|--------------|----------|------|----------------|

## Referências

BORGES, Ana Carolina e CAMARGO, Luciana Moura Colucci de. **Espaço e inspiração em Cantiga de Esponsais**. Revista Linguagem. No prelo 2014.

CAMARGO, Luciana Moura Colucci. **A filosofia do mobiliário: por uma poética do espaço gótico**. In: Abralic - Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2008, São Paulo - SP. Eletrônico. Abralic : Abralic, 2008.

CORUJO, Ana. **A bailarina da loja de tapetes**. Rio de Janeiro: Átame, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POE, Edgar Allan Poe. **Poesia e Prosa**. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Editora Globo, 1944.

TOLLENDAL, Eduardo José e OLIVEIRA, Viviane Cristina. **Candido e a hegemonia: a face canônica da literatura**. In: CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; LEITE, Mário Cezar Silva Leite; NOLASCO, Paulo Sérgio: Cãnone e anticãnone: a hegemonia da diferença. Uberlândia: Edufu, 2012.